

AGROENERGIA, UMA RESPOSTA PRONTA

* Roberto Rodrigues

O mundo está debruçando sobre um desafio gigantesco: por um lado, precisa produzir alimentos para uma população crescente, sobretudo nos países mais pobres; e, por outro lado, tem que evitar o iminente aquecimento global.

Em 30/40 anos o planeta terá dois bilhões de pessoas acima do atual número de 6,4 bilhões. O mais interessante é que 80% deste crescimento se dará nos países em que a renda per capita também cresce mais, proporcionalmente. Isto significa que a demanda de alimentos e outros produtos de origem agropecuária crescerá mais do que o próprio aumento populacional. Por quê? Ora, se um cidadão que ganha 10 mil dólares por mês tiver seu salário dobrado, provavelmente não comerá nem um ovo a mais por ano, porque com sua renda já consome tudo o que quiser. Já o cidadão que recebe 200 dólares mensais, se tiver o salário dobrado, dobrará o consumo de alimentos, roupas, calçados, papel, energia, enfim itens rurais. É por isso que os estoques mundiais de grãos estão diminuindo: a demanda vem crescendo mais que a oferta, e a crise financeira recente não teve os mesmos efeitos sobre o consumo dos países emergentes que teve sobre os países ricos. A FAO calcula que nos próximos 50 anos será necessário produzir 70% mais comida do que produzimos hoje.

Enquanto isso, especula-se até com a hipótese de regiões inteiras hoje produtoras de alimentos se tornarem impróprias para a agricultura em função do aumento da temperatura média.

Há, pois, uma armadilha aparentemente dramática. É claro que, se de fato houver um aumento da temperatura nas regiões agrícolas, a pesquisa agrônômica encontrará maneiras de gerar variedades adaptáveis à nova realidade. É óbvio, também, que medidas serão tomadas para reduzir esta ameaça.

A ciência se ocupa de tudo isto e achará saídas. No entanto, entre as possíveis saídas, já existe uma pronta, funcionando maravilhosamente bem no Brasil e em outros países tropicais, que é a agroenergia. Esta não é uma solução para todos os males, mas está dominada enquanto tecnologia, de modo que não há razão real para não utilizá-la.

Aliás, alguns números sugerem este mecanismo com veemência: União Européia, Japão e Estados Unidos têm, em média; 50 veículos para cada 100 habitantes. Enquanto isso, China e Índia, com mais de 1/3 da população do planeta têm perto de 3 carros para cada 100 habitantes. Uma curiosidade: ainda que não comam muito, comem o suficiente, porque estão vivos; mas não consomem combustível porque não têm carros. No entanto, estão crescendo a 8 ou 9% ao ano, e são hoje grandes compradores de veículos. Precisarão de combustíveis, especialmente não poluentes, e o etanol, nosso, já está provado. Sabe-se que a cadeia produtiva do álcool, desde o plantio da cana até o escapamento dos carros, gera apenas 11% da emissão de CO₂ dos carros a gasolina. Assim, a contribuição da agroenergia para a redução do aquecimento global já fica evidente.

Ademais, a cana-de-açúcar, principal matéria prima para o etanol, não concorre com a produção de alimentos. Aliás, bem ao contrário. A área plantada com cana vem crescendo basicamente em terrenos de pastagens degradadas, onde não se produz um único quilo de grãos. No entanto, na renovação anual dos canaviais hoje se produz soja, amendoim, feijão, ou seja, leguminosas que fazem rotação com a gramínea cana. Assim, onde a cana-de-açúcar entra, além de não haver concorrência com alimentos, estes passam a ser produzidos. Prova disto são os dados de safras brasileiras de grãos e de cana nos últimos anos: recordes são batidos ano após ano em ambos os campos. E também em carnes.

Aliás, o zoneamento agroecológico para a cana recentemente publicado – e sem entrar no mérito do mesmo – já elimina qualquer hipótese de falta de alimentos por aumento de etanol.

Infelizmente, no entanto, este e outros mitos ainda são repetidos, sempre que se fala de alternativa agroenergia/bicombustível, porque que há resistências a ela. Parte da indústria do petróleo, ainda não aceita a concorrência, bem como poderoso pedaço da indústria de alimentos. E isso inibe a criação de um mercado global, porque os “adversários” do biocombustível estão sempre especulando com a falta de alimentos, destruição da Amazônia e outras falácias.

Algumas empresas de petróleo mais inteligentes já se deram conta que a mistura de 20, 30 ou 40% de biocombustível nos derivados aumentará o seu império por mais 20, 30 ou 40% de tempo. E aderiram aos biocombustíveis, como é o caso da Petrobras. Mais cedo ou mais tarde, os biocombustíveis terão seu espaço no cenário mundial.

Até porque há um dado tão evidente, que custa a crer que os líderes mundiais não o tenham percebido.

Diferentemente da comida, que qualquer país pode produzir – ainda que às custas de subsídios pesadíssimos que impedem o livre mercado agrícola e emperram a Rodada de Doha da OMC – a agroenergia é resultado de uma reação na qual entre a terra, a planta e o sol. Ora, onde há sol no ano todo?

Entre os dois trópicos, exatamente onde estão os países mais pobres da América Latina, da África Subsaariana e da Ásia. Estes são os grandes potenciais produtores da agroenergia e biocombustível, seja de cana, soja, de celulose, seja de outras matérias primas no caso do etanol, seja de dezenas de outros no caso do biodiesel.

Portanto, a agroenergia tem a possibilidades de mudar – de maneira altamente positiva – a geopolítica global: os países tropicais produziram a mais importante commodity do século XXI, que é energia. E não se trata apenas de biocombustível, mas também de bioeletricidade, além de outros subprodutos que o bagaço pode gerar em substituição ao carvão mineral.

Mas isso depende de uma estratégia que precisa ser estabelecida em nível global. O Brasil pode liderar este processo, contribuindo para uma importante mudança geopolítica, mostrando aos países tropicais como se planta cana e como se produz o etanol; e usando o dendê, a mamona, a soja e outras

matérias primas para fazer biodiesel. Trabalhando com a celulose em países onde não chova o suficiente. Criando a chamada “economia verde”.

E pode liderar isto, vendendo tecnologia, usinas inteiras, logística, carro flex, legislação, estações experimentais agrícolas, enfim tudo aquilo que aprendemos com mais de 35 anos de Proálcool.

Afinal, nossa matriz energética tem hoje 45,4% de energia renovável, enquanto no mundo todo este percentual cai para 13% e nos países da OCDE para 6,7%.

Cerca de 16,6% da nossa energia renovável vem da cana-de-açúcar. Acredita-se que em 2012/2013, o país produzirá mais eletricidade a partir do bagaço da cana do que uma Itaipu, nossa maior hidroelétrica! Com vantagens formidáveis: o tempo de construção de uma hidroelétrica é muito maior que o de uma usina de cana, que fica pronta em 30 meses; os impactos ambientais desta segunda são infinitamente menores, sem falar nos créditos de carbono que proporcionam, tanto na fase agrícola quanto na industrial; a eletricidade gerada por uma usina de álcool complementa a das hidroelétricas, porque a safra de cana se dá durante o período da seca, quando o nível de água dos grandes reservatórios diminui.

Mas para isto é necessário desenvolver uma estratégia nacional. Vários Ministérios e empresas estatais trabalham com biocombustíveis no Brasil, e todos com muita competência e eficiência. Mas não há uma coordenação estratégica, como a que se montou no país para que o Proálcool desse certo.

Tal estratégia, a ser estabelecida conjuntamente entre o setor público e o privado, deve definir metas claras de produção, sistemas integrados, geração de tecnologia, logística e estocagem, escoamento, formação de recursos humanos, financiamento, contratos de longo prazo, alcoolquímica e um poderoso aparato de comunicação para mostrar ao mundo as vantagens do processo.

E o Brasil, com a agroenergia e o pré-sal pode ser o grande mestre mundial da energia do século XXI.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**